

## **Revivescência litúrgica: interpolações entre mídia e música no culto evangélico <sup>1</sup>**

Franco IACOMINI<sup>2</sup>

Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR

### **RESUMO**

A disponibilidade, cada vez maior, de áudio e vídeo de cultos e apresentações de ministérios de louvor nas diferentes mídias (em especial na internet) tem tido influência sobre o que se apresenta nas igrejas brasileiras. Este artigo, partindo de uma observação feita na década de 1960 por Marshall McLuhan a respeito de fenômeno semelhante nas congregações americanas, e utilizando-se de estudos de Timothy Keller (no campo da Teologia), Pierre Lévy, Alberto Klein e Magali do Nascimento Cunha (no campo da Comunicação) propõe uma discussão sobre a influência e a relevância daquilo que é inserido nos programas de culto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Igrejas, liturgia, midiatização.

### **Introdução**

Na década de 1960, o canadense Marshall McLuhan percebeu um efeito inicial da televisão sobre a maneira como as igrejas da época organizavam seus cultos. “A revivescência litúrgica da era do rádio e da TV afeta até as mais austeras seitas protestantes. O canto coral e as roupagens ricas começaram a aparecer em todos os bairros”, escreveu (MCLUHAN, 1979, p. 361). Naquele contexto, McLuhan observava que a jovem televisão – o ensaio do qual foi retirada a citação foi publicado originalmente em 1964 – estimulava a participação dos jovens na convivência religiosa. O raciocínio era que, admirados com a forma atraente com que a expressão religiosa era apresentada nos cultos televisionados, representantes dessas faixas etárias passavam a buscar em suas congregações esse mesmo tipo de experiência. Por sua vez, as igrejas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 4 – Comunicação Eclesial, do PENSACOM BRASIL 2016.

<sup>2</sup> Doutorando em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), linha de pesquisa Processos Mediáticos e Práticas Comunicacionais. Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Docente na Fundação Educacional Menonita. Membro do grupo de pesquisa Jor XXI. Email: [fiacomini@gmail.com](mailto:fiacomini@gmail.com).

locais respondiam: buscavam ter em suas celebrações algo que remetesse o frequentador àquilo que ele via pela tevê.

O que era visto e experimentado nas congregações da América do Norte na década de 1950 pode estar ocorrendo, de forma similar, no Brasil contemporâneo. Deste vez, não seria a televisão o veículo a influenciar as expressões litúrgicas, mas a internet, mediante a disponibilidade de cultos transmitidos ao vivo e clipes de música gospel em sítios eletrônicos como o YouTube e outros. O presente trabalho tem por objetivo avaliar a forma como pode vir a dar-se esse “contágio” no cenário brasileiro atual, e traçar algumas aproximações a respeito de suas consequências, a partir da metodologia da pesquisa bibliográfica.

### **Fundamentação teórica**

Ao revisitar as experiências litúrgicas<sup>3</sup> das igrejas protestantes americanas ao longo do século passado, Timothy Keller observa que, duas gerações atrás, poucas pessoas arriscavam-se a perguntar como deve ser o culto, dado que cada denominação religiosa tinha sua própria tradição litúrgica e as congregações simplesmente seguiam o que vinha sendo feito no passado. Embora admita que “as tradições de culto são inevitáveis, porque até mesmo as igrejas mais inovadoras não são capazes de reinventar completamente o culto todas as semanas” (KELLER, 2014, p. 353), ele aponta que a diversidade de formas de culto na atualidade é enorme, refletindo influências culturais e de temperamento, tanto dos líderes de cada igreja local como também da comunidade onde esta está inserida. Nesse sentido, elaborou uma sistematização em que os cultos são classificados em três “ênfases”: histórica (adotada com maior frequência pelas denominações anglicana, luterana e episcopal, entre outras, dá destaque ao corpóreo e tem a Eucaristia, ou Ceia do Senhor, como elemento central), contemporânea (com destaque para as manifestações emocionais e centralidade na música para louvor e adoração) e de convergência (com centralidade nos aspectos místicos e nas narrativas (KELLER, 2014, p. 354).

---

<sup>3</sup> Para este trabalho, considera-se o conceito resumido de liturgia adotado por Millard Erickson: “formas prescritas de adoração, incluindo linguagem, vestimentas e objetos” (ERICKSON, 2011), p. 116).

Realizam

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

Popularizada por modelos relevantes de igreja como Willow Creek e Saddleback (dirigidas, respectivamente, por Bill Hybells e Rick Warren), a abordagem contemporânea vem ganhando força desde a década de 1980. Seu desembarque no Brasil coincidiu com o crescimento da população evangélica, que passou de 5,2% da população, em 1970, para 22,2%, em 2010 (SOUZA, 2012, p. 130; IBGE, 2012). Ao longo deste período, desenvolveu-se no Brasil um movimento cultural e religioso que teve como um de seus elementos mobilizadores a música *gospel* (CUNHA, 2007, p. 86), adotada dentro e fora das paredes das igrejas.

A “explosão *gospel*” – expressão adotada por Cunha para definir a emergência de uma cultura surgida a partir do hibridismo entre o caráter protestante conservador e a roupagem contemporânea cultos celebrados com linguagem moderna e elementos musicais e estéticos compatíveis com a cultura brasileira atual – moveu o eixo da adoração dos evangélicos brasileiros. Uma mudança previsível, a julgar pelas observações de Pierre Lévy em sua obra “As Tecnologias da Inteligência”:

as categorias usuais da filosofia do conhecimento, tais como o mito, a ciência, a teoria, a interpretação ou a objetividade dependem intimamente do uso histórico, datado e localizado de certas tecnologias intelectuais. Que isto fique claro: a sucessão da oralidade, da escrita e da informática como modos fundamentais de gestão social do conhecimento não se dá por simples substituição, mas antes por complexificação e deslocamento de centros de gravidade. (LÉVY, 2011, p. 10)

Como descendentes de uma tradição que rejeita a sacralidade das imagens adotada pela igreja católica, os protestantes sempre foram adeptos de uma austeridade em que o único encantamento vinha da própria Bíblia e de sua leitura. Alberto Klein classifica essa postura como uma espécie de “textolatria”, em oposição à ideia de idolatria (KLEIN, 2006, p. 222). A abundância de informação visual, típica do século XX, resultaria – pelo movimento dos “centros de gravidade” citados por Lévy – em um novo processo de encantamento, pelo qual as mídias visuais “invadem o terreno do sagrado”, e no qual ocorre “a incorporação de elementos midiáticos na composição litúrgica e arquitetônica dos espaços físicos do culto” (KLEIN, 2006, p. 139).

Realizam

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

Essas interpolações entre mídia e religião resultaram em cultos cuja estética aproxima-se daquela apresentada pela televisão, em um processo de apropriação, conforme observa Klein:

Essa *tele-visão* do culto acaba misturando num mesmo caldo a experiência religiosa e a diversão típica dos programas de auditório. É possível perceber que esse modelo “litúrgico” está sendo amplamente adotado nas mais diversas correntes do cristianismo ocidental, tanto em igrejas pentecostais e neopentecostais, quanto nos movimentos carismáticos das igrejas históricas, acirrando a tensão com os que defendem a liturgia como preservação de sua identidade religiosa. (KLEIN, 2006, p. 225. Trecho em itálico no original.)

O processo não é inédito – Klein observa que o envolvimento das igrejas com as tecnologias comunicativas de sua época é um fenômeno observável ao longo da história das denominações cristãs. Neste caso, ele aponta que essa orientação televisual teria a capacidade de criar “novos refúgios para as imagens religiosas, reproduzindo novas formas de idolatria” (KLEIN 2006, p. 227).

Lévy busca uma explicação para processos de assimilação como esse mediante as metáforas da “ecologia cognitiva” (LÉVY, 2011), pela qual uma certa cultura – e, no caso presente, tratamos da cultura *gospel* à moda brasileira, conforme as descrições de CUNHA (2007) – identifica-se com um conjunto de representações, em uma dada população:

O meio ecológico no qual as representações se propagam é composto por dois grandes conjuntos: as mentes humanas e as redes técnicas de armazenamento, de transformação e de transmissão das representações. A aparição de tecnologias intelectuais como a escrita ou a informática transforma o meio no qual se propagam as representações. Modifica, portanto, sua distribuição. (LÉVY, 2011, p. 140)

De acordo com Lévy, as modificações permitem que algumas representações cujo registro era impossível passem, então, a sê-lo. Da mesma forma, a tecnologia torna possíveis novos processamentos de informação, de modo a engendrar novas representações ou, ainda, novas formas de transmissão. No passado, as transformações relacionadas à gênese e disseminação da escrita permitiram a preservação de princípios

Realizam

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

e dogmas religiosos, abrindo caminho para as “religiões do livro”, entre elas o Cristianismo (LÉVY, 2011, p. 140). Na atualidade, os caminhos são outros.

As tecnologias contemporâneas abrangem, entre outras possibilidades, a gravação de cultos nas igrejas. Antes do registro em *videotape*, era possível documentar por escrito os programas de culto, os textos lidos e as músicas cantadas, mas não havia como registrar o culto propriamente dito, que era o conjunto desse desses elementos, definidos em planejamento prévio. Agora, a possibilidade de ver e rever um culto completo tende a criar no espectador a intenção de reproduzir essa experiência de adoração em outra comunidade.

Já a possibilidade de novos processamentos de informação, prevista por Lévy, inclui a transmissão das celebrações. Na atualidade, para quem quer conhecer a forma de cultuar de outras congregações, não há mais a limitação do alcance de uma emissora de tevê nem a logística de buscar uma fita ou um DVD. Basta conectar-se ao *website* da igreja que se pretende conhecer e assistir ao seu culto ao vivo, qualquer que seja sua localização no planeta. Ou, quem sabe, ver seus eventos gravados no próprio sítio da igreja ou em seus canais em sites como YouTube ou Vimeo. Para Lévy, tais interpolações têm o potencial de moldar a forma como as instituições se apresentam. “Com as religiões universalistas e a ciência moderna, não estamos mais frente a representações tomadas individualmente, mas sim a verdadeiras formas culturais cuja aparição e continuidade dependem de tecnologias intelectuais”, escreve (LÉVY, 2011, p. 140).

Passa-se agora a estudar a forma como vêm ocorrendo esses processos no Brasil contemporâneo, tendo como foco principal a música tocada em cultos e celebrações evangélicas.

### **Teve, internet e igrejas**

A audiência de programas religiosos na televisão é alta, levando-se em conta os horários pouco convencionais em que são transmitidos. Segundo a jornalista Cristina Padiglione, de O Estado de S. Paulo, em abril de 2015 o programa “Fala que eu te escuto”, que faz parte da programação da Igreja Universal do Reino de Deus exibida nas

Realizam

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

madrugadas pela Rede Record de Televisão, chegava a liderar a audiência em alguns horários, empatado com a Rede Globo (PADIGLIONE, 2015).

Nesse ambiente, é central o papel da música, em especial dado o fator de empatia que ela desempenha para o público jovem. Essa empatia foi despertada, inicialmente, pelo desembarque das músicas no formato CD, a partir dos anos 1980, e foi amplificada por novas mídias: DVDs de shows gospel, cultos e concertos disponibilizados em portais como YouTube e congêneres, compartilhamento de arquivos de vídeo e áudio em tempos mais recentes, além de streaming de cultos ao vivo. A internet, aliás, tem a capacidade de potencializar cada um desses elementos. Com isso, cresce também o acesso a esse tipo de conteúdo, resultando também na ampliação de seu potencial global de influência.

Magali do Nascimento Cunha assinala que a cultura *gospel* brasileira está associada ao surgimento e desenvolvimento das mídias evangélicas no país, que ajudaram a consolidar uma “teologia que enfatiza o valor superior do louvor e da adoração no culto” (CUNHA, 2007, p. 117). Tal movimento tem início ainda nos anos 50 e 60, quando denominações pentecostais romperam com a tradicional hinódia protestante para incluir em suas liturgias ritmos e estilos de cantar mais próximos da música popular. Ao longo da segunda metade do século XX, sucessivos movimentos centro do Brasil e fora dele aproximaram a forma de apresentação da música cristã com aquela identificada como “do mundo”. Ao chegar aos anos 1990, formou-se um cenário de convergência: havia música evangélica com uma identidade própria, mas ao mesmo tempo sensível ao gosto popular geral; havia uma população evangélica crescente; e havia também eventos e canais mercadológicos para fazer as composições chegarem a essa população. Consolidava-se assim um “mercado *gospel*” e a ideia de sacralização do consumo, uma das características associadas à cultura *gospel* (CUNHA, 2007, p. 173-176).

Ao destacar a importância da música no cenário cultural evangélico, Soraya Eberle observa que ela serve como base para a formação de “tribos gospel” (EBERLE, 2011, p. 39). Dentre os principais influenciadores dessas tribos a pesquisadora cita a igreja australiana Hillsong, a associação de igrejas Vineyard (nascida nos Estados Unidos e ligada ao movimento neocarismático, com ênfase à manifestação de Deus por

Realizam

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

meio de curas e milagres) e o brasileiro Ministério de Louvor e Adoração Diante do Trono, ligado à Igreja Batista da Lagoinha, de Belo Horizonte – igreja local que liderou o que Reinaldo Arruda Pereira classificou como “processo de pentecostalização” das igrejas batistas brasileiras e que é uma das pioneiras no país na realização de grandes eventos musicais evangélicos, os concertos gospel (PEREIRA, 2011, p. 18).

Essa influência levou à incorporação de incontáveis músicas dessas fontes para o uso cotidiano em cultos de congregações brasileiras. Somente o sítio de internet da Hillsong Church dedicado à divulgação de traduções oficiais de suas canções registra 269 versões em português de composições originais da igreja.<sup>4</sup> Em um culto jovem (ou contemporâneo, dependendo da nomenclatura adotada pela igreja), em especial, é possível encontrar várias dessas músicas em um único programa. O que, de certa forma, tende a aproximar a forma do culto daquela adotada pela igreja pentecostal australiana, originalmente um ramo das Assembleias de Deus. A popularidade das músicas da Hillsong pode ser atestada pelas turnês feitas pelo Hillsong United, grupo musical derivado do ministério jovem da igreja, que leva o mesmo nome. No Brasil, o Hillsong United lotou ginásios de esportes em apresentações no Brasil em 2009 e 2013, com concertos em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Goiânia.

Com respeito à Igreja Universal do Reino de Deus e seu bispado eletrônico, o sociólogo da religião Ricardo Mariano apontou a reprodução dos métodos de ação e estilos de culto por parte de outras denominações como uma das possíveis causas da redução no número de pessoas que declinou a Universal como sua afiliação religiosa no Censo de 2010:

De todo modo, avalio que os dados do Censo 2010 constituem, no mínimo, indícios de acentuada redução do ritmo de expansão da Universal. E talvez sinalizem os limites de seu modelo de crescimento denominacional no campo religioso brasileiro atual. Com isso, quero afirmar que suas principais estratégias organizacionais e expansionistas bem-sucedidas foram, em boa medida, embora parcialmente, copiadas e disseminadas por diversas outras igrejas evangélicas. (MARIANO, 2013, p. 132-133)

---

<sup>4</sup> As letras autorizadas pela equipe da igreja estão disponíveis em <http://translations.hillsong.com>. Acesso em 1/12/2016.

Realizam

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

Tais argumentos não são, certamente, conclusivos. Mas parecem indicar uma confirmação de que a “revivescência litúrgica” no país tomou o caminho de adotar um estilo musical jovem e urbano, com raízes no pentecostalismo ou, ainda, no neopentecostalismo.

Essa opção parece condizer com o perfil atual da população evangélica no Brasil. O Censo de 2010 apontou que, entre os grandes grupos religiosos brasileiros, os pentecostais têm a média de idade mais baixa: 27 anos, contra 29 anos dos evangélicos “de missão” (luteranos, presbiterianos, batistas, metodistas, entre outros), 30 anos dos católicos romanos, 32 anos entre os praticantes de religiões afro-brasileiras e 37 anos dos espíritas. Apenas os sem religião apresentaram uma média de idade mais baixa, de 26 anos (CASTRO; DUARTE, 2012).

### **Copiando o quê?**

A “importação” de músicas, liturgias e estratégias tem seus críticos, em especial por trazer consigo visões de mundo, de adoração e louvor que podem não ser as mesmas das igrejas locais que adotam as músicas – e que são movidas, provavelmente, tanto seu apelo estético quanto pela popularidade de que tais canções/cânticos desfrutam por parte do público. Uma dessas críticas, a compositora neozelandesa Marion Warrington, uma das líderes do movimento Jovens com uma Missão na Alemanha, alertou contra a “ênfase excessivamente antropocêntrica voltada para a sensação pessoal” da adoração no movimento Vineyard (citada por STADELMANN, 2012, p. 112).

Os efeitos da introdução de elementos desse tipo na liturgia das igrejas é sensível, conforme argumenta Nelson Bomfílcar:

Nas últimas décadas tivemos o crescimento de expressões mais espontâneas na adoração pessoal e pública, a queda de preconceitos quanto a estilos de música, instrumentos, expressão corporal, e mais participação congregacional. Mesmo assim, vínhamos sendo reducionistas em nossa compreensão, entendendo louvor como música ou expressão artística somente. Além disso, tínhamos e ainda temos o chamado “serviço de culto”, em que as pessoas apenas “assistem”, em vez de participar ativamente. Perdemos também muito de nossas raízes, alicerces e referenciais da Palavra de Deus, descuidando-nos dos conteúdos teológico e poético em nossa adoração cantada. (In: AMORESE, 2004, p. 12)



Realizam

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

O reverendo Augusto Nicodemus Lopes faz advertência no mesmo sentido, contra algo que ele caracteriza como desvio na ênfase litúrgica:

Precisamos resgatar esse princípio litúrgico: o culto é voltado para Deus. É teocêntrico – e nisso, cristocêntrico, não antropocêntrico. Nem mesmo manifestações espirituais extraordinárias como curas, milagres e línguas, devem ocupar o lugar de Cristo no culto. É também preciso ressaltar que não é suficiente dizer que essas manifestações são feitas em nome de Jesus. É preciso um esforço deliberado dos responsáveis pelo culto para que a pessoa e a obra redentora de Cristo recebam a proeminência e o destaque merecidos. (LOPES, 2004, p. 250)

Em resumo, tais observações são expressões de preocupação com a alteração de suas fórmulas litúrgicas. Embora, como foi dito anteriormente, essas fórmulas tenham sofrido alterações diversas ao longo das últimas décadas, esses pastores e líderes religiosos parecem estar fazendo a si próprios e a seus pares as seguintes perguntas: 1) Afinal, estamos copiando o quê, exatamente?; 2) Será que, de fato, as adições promovidas por essa revivescência litúrgica têm trazido (ou trarão) um frescor renovado aos cultos?; e 3) Ou, ao contrário, elas colocam em risco aquilo que se costuma chamar de “sã doutrina”?

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em uma sociedade altamente midiaticizada, seria ingênuo por parte das igrejas cristãs esperar que o culto não fosse influenciado pelas diversas formas de comunicação. E, embora tenhamos uma crescente literatura a respeito das interpolações entre as mídias eletrônicas – em especial a televisão, palco privilegiado das incursões de algumas organizações religiosas –, ainda há uma interrogação a respeito da exposição das igrejas à internet e às mídias sociais.

Não é possível, neste momento, ser assertivo em relação ao resultado de longo prazo da adoção de uma ênfase litúrgica aprendida a partir de cultos e concertos consumidos via internet. Mas algumas expressões podem ser observadas, em especial na rapidez com que são introduzidas nos programas de culto das igrejas brasileiras novas músicas, muitas originárias de movimentos ligados ao pentecostalismo. E há algumas

Realizam

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

contribuições provenientes não do campo da Teologia, mas da Comunicação e da Filosofia, que podem dar indicações.

Ao analisar a organização arquitetônica das igrejas onde se realizam os “shows religiosos” da contemporaneidade, com seus púlpitos elevados e iluminação cênica, Alberto Klein comenta que “na organização do espaço verifica-se a tentativa de construção de novos ídolos. Pastores e padres fizeram deles mesmos imagens que reivindicam adoração. A idolatria religiosa de hoje se faz presente por imagens vivas e em movimento” (KLEIN, 2006, p. 226). As antigas estátuas e pinturas religiosas foram substituídas por elementos de espetáculo, em que o destaque vai para o celebrante.

Poucos são os iconoclastas que se aperceberam da presença sutil e das artimanhas dos novos ícones. Por isso são poucos; todos os demais foram devorados pelas imagens. Essa moderna iconofagia anuncia-se como o único horizonte possível de sobrevivência do sagrado em nossa sociedade midiática. (KLEIN, 2006, p. 226-227)

Mesmo as denominações mais tradicionais vem aceitando adaptar sua musicalidade e fórmulas de culto para render-se a esse movimento de convergência. Essa contaminação (para usar a expressão de Pierre Lévy) tem potencial para provocar alguma tensão nas igrejas ditas históricas. Trata-se de um fenômeno em desenvolvimento, cujos próximos passos interessarão igualmente teólogos e pesquisadores em comunicação.

## **REFERÊNCIAS**

AMORESE, R. **Louvor, adoração e liturgia**. Viçosa: Ultimato, 2004.

CASTRO, J.; DUARTE, A. Censo: Igreja Católica tem queda recorde no percentual de fiéis. **O Globo**, 29. jun. 2012. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/censo-igreja-catolica-tem-queda-recorde-no-percentual-de-fieis-5344997>>. Acesso em: 2/12/2016.

CUNHA, M. DO N. **A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

EBERLE, S. H. **Cantar, contar, tocar... A experiência de um grupo de louvor para a formação teológico-musical de jovens**, 2011. Doutorado, São Leopoldo: Escola Superior de

Realizam

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

Teologia. Disponível em: <[http://tede.est.edu.br/tede/tde\\_arquivos/1/TDE-2012-05-22T133805Z-344/Publico/eberle\\_sh\\_td109.pdf](http://tede.est.edu.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2012-05-22T133805Z-344/Publico/eberle_sh_td109.pdf)>. Acesso em: 12/1/2016.

IBGE. Censo demográfico de 2010: Características Gerais da População, Religião e Pessoas com Deficiência. , 29. jun. 2012. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000009352506122012255229285110.pdf>>. .

KELLER, T. J. **Igreja centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no Evangelho**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KLEIN, A. **Imagens de culto e imagens da mídia**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência - O futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.

LOPES, A. N. **O culto espiritual: um estudo em 1 Coríntios sobre questões atuais e diretrizes bíblicas para o culto cristão**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MARIANO, R. Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010. **Debates do NER**, v. 14, n. 24, p. 119–137, 2013.

PADIGLIONE, C. “Fala que eu te escuto” chega a bater Gentili. **O Estado de S. Paulo**, 27. abr. 2015. São Paulo. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,fala-que-eu-te-escuto-chega-a-bater-gentili-imp-,1676516>>. Acesso em: 12/1/2016.

PEREIRA, R. A. **Igreja Batista da Lagoinha: trajetória e identidade de uma corporação religiosa em processo de pentecostalização**, 2011. Doutorado, São Paulo: Faculdade de Direito e Humanidades da Universidade Metodista de São Paulo. Disponível em: <[http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde\\_arquivos/6/TDE-2011-12-19T125620Z-1050/Publico/Reinaldo%20Arruda%20Pereira.pdf](http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_arquivos/6/TDE-2011-12-19T125620Z-1050/Publico/Reinaldo%20Arruda%20Pereira.pdf)>. Acesso em: 1/12/2016.

SOUZA, A. R. DE. O pluralismo cristão brasileiro. **Caminhos**, v. 10, n. 1, p. 129–141, 2012.

STADELMANN, H. Louvor e adoração: música popular cristã no culto. **Revista Batista Pioneira**, v. 1, n. 1, p. 103–121, 2012.